

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DA SOCIEDADE: ESTUDO DO PROGRAMA CHAVES

Lilian Santos de Godoy Prado*
Ana Claudia Fernandes Gomes**

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo do Programa Chaves que apresenta episódios repetidos e piadas supostamente ingênuas. O Programa Chaves remete-nos de forma discreta ao problema da fome, da desigualdade social, da desestrutura familiar e da decadência do ensino. Foram estudados os episódios: Aula de Aritmética e Espíritos Zombeteiros. No episódio Espíritos Zombeteiros foi feita a leitura de imagem a partir da Semiótica do filósofo Peirce. Este estudo foi feito com o intuito de abordar temas que o educador possa trabalhar em sala de aula mostrando a diferença entre realidade e ficção, tornando os educandos cidadãos conscientes e críticos, assim como sugere os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), e para que não se deixem alienar pela Indústria Cultural, um sistema capitalista que nos oferece um mundo imaginário e ao mesmo tempo manipula-nos.

PALAVRAS-CHAVE: Programa Chaves; Indústria Cultural; Televisão; Semiótica.

SOCIETY'S SYMBOLIC REPRESENTATIONS: AN ANALYSIS OF THE CHAVES TV PROGRAM

ABSTRACT: TV Chaves program with its repeated episodes and allegedly naïve jokes is analyzed. The Chaves program takes the spectator unobtrusively within the problem of hunger, social inequality, lack of family structure and educational decline. The episodes titled Arithmetic Class and Mocking Spirits were investigated. An interpretation of images in Mocking Spirits was undertaken through Peirce's semiotics. Current study was undertaken to pinpoint issues that the educator may work with in the classroom to show the difference between reality and fiction, and thus training the students to be critical. In fact, this is what has been suggested by the National Curriculum Parameters, or rather, students must not be alienated by the Cultural Industry, a capitalist system that presents an imaginary world and manipulates the spectators.

KEYWORDS: Chaves TV Program; Culture Industry; Television; Semiotics.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo trata da realidade social que é apresentada no Programa Chaves, uma produção mexicana da década de 1970, que faz um misto de realidade e fantasia de forma bem humorada. Alguns episódios são analisados relacionando seus conteúdos com fatos que nos remete à família, ao trabalho e à educação.

Em geral o Programa Chaves apresenta como tema o problema da desigualdade social, da desestrutura familiar e da decadência do ensino. O garoto Chaves, que mal tem o que

comer, apresenta-nos o problema da fome. Já o desemprego é visto na figura do Seu Madruga, que vive de "bicos". E os episódios da escola pública mostram-nos um professor que recebe um baixo salário e alunos pouco interessados. Portanto, interpretar essa realidade que aparece de forma discreta, apresentada por personagens cômicos e piadas ingênuas, torna-nos mais críticos e conscientes. É importante estarmos preparados, uma vez que a indústria cultural oferece-nos um mundo de sonhos, tornando-nos indivíduos incapazes de julgar e tomar nossas próprias decisões. (COHN, 1971).

O termo Indústria Cultural foi utilizado por Adorno e Horkhei-

* Especialista em História e Análise da Obra de Arte na Universidade Guarulhos – UNG; Graduada em Educação Artística e Bolsista na Universidade Guarulhos – UNG / PIBIC. E-mail: li_caravaggio@hotmail.com

** Docente Mestre em Sociologia na Universidade Guarulhos – UNG. E-mail: acfernandes@bol.com.br

mer (1985) para substituir cultura de massa, uma vez que cultura de massa refere-se à cultura que surge a partir das massas e indústria cultural refere-se à cultura utilizada como consumo e comércio. Portanto, observamos a importância de desenvolver o pensamento crítico e não nos deixarmos manipular e nem alienar, uma vez que os meios de comunicação despejam uma infinidade de informações. Portanto, saber decodificar as mensagens que os programas de televisão nos passam é importante para podermos tirar proveito desse meio de comunicação que está disponível para todas as pessoas.

Para a leitura de imagem podemos utilizar como base teórica a Semiótica do filósofo Charles S. Peirce, que escreveu 70.000 páginas de manuscritos, além dos que se perderam. O filósofo desenvolveu a ciência do deciframento de mundo, chamada de Semiótica. Seu método consistia em desenvolver uma concepção da mente derivada de uma análise para a procura da verdade. E a verdade apresentava-se como uma atividade (dirigida para um objetivo) capaz de permitir a passagem de um estado de insatisfação para um estado de satisfação. Um dos seus estudos foi a Relação Triádica de Signo, que consiste em um triângulo representado na ponta inferior direita pelo objeto, na ponta inferior esquerda pelo signo ou *representamen* e no topo pelo interpretante. O objeto é a representação de alguma coisa. O signo ou *representamen* é a representação mental de alguma parte ou característica do objeto. E o interpretante é a tradução do signo. A partir dessa Relação Triádica podemos fazer a leitura de uma imagem, inclusive podemos anexar um triângulo a outro até estarmos satisfeitos com o resultado obtido. (COELHO NETTO, 1990).

Este artigo relata a análise dos episódios “Isso Merece Um Prêmio” de 1974 e “Aula de Aritmética” de 1979, ambos os episódios apresentam problemas sociais que acometem o mundo. Em Isso Merece Um Prêmio o assunto da fome é discutido, mas sem atitudes para modificar a situação e em Aula de Aritmética é satirizado o sistema educacional, visto que apresenta o desinteresse dos alunos pelo ensino e um professor que, sem sucesso, tenta ensinar os conteúdos contidos nos livros didáticos. Em geral, os temas discutidos no Programa Chaves assemelham-se com o cotidiano social de todo o mundo.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO

O capitalismo surgiu em meados do século XVIII, na Inglaterra, a partir dos meios de produção (indústrias, máquinas) e do trabalho assalariado. O marco da passagem da manufatura – trabalho humano, para a maquinofatura – trabalho mecânico,

foi a revolução industrial. (CÁCERES, 1997).

Em 1923, em Frankfurt, alguns pensadores como Max Horkheimer, Walter Benjamin, Hebert Marcuse e Theodor W. Adorno iniciaram um movimento a fim de discutir as transformações do mundo contemporâneo e o desejo de independência do pensamento. Tais ideias eram descritas na Revista de Pesquisa Social (MATOS, 2001).

O termo Indústria Cultural foi usada pela primeira vez em Amsterdã, em 1947, pelos teóricos Adorno e Horkheimer, que relacionavam esse termo à diversão e alienação, que, ao permitir um falso prazer, transforma a cultura em mercadoria. A fuga da realidade é oferecida pela indústria cultural a partir do divertimento, distorcendo fatos intoleráveis, promovendo um conformismo social e alienando o indivíduo (COELHO, 1988). Para Adorno os meios de comunicação induzem o indivíduo a consumir para sentir-se parte de um todo, na ilusão de sentir-se igual (BERTONI, 2001).

A Indústria Cultural opera com signos indiciais, que aponta para seu objeto, para seu referente, sem ser semelhante, em que o receptor precisa conhecer previamente o objeto representado pelo índice. Dessa forma, provoca a formação de consciências indiciais em que tudo é efêmero, sem tempo para um pensamento lógico. Torna-se, assim, um caminho para a alienação, pois não traz revelação, somente constatação, uma constatação superficial (COELHO, 1988).

A televisão exerce uma violência simbólica que é inconscientemente exercida ou sofrida. A imprensa sensacionalista, visando ao índice de audiência, despeja em seus telespectadores drama e sexo. No entanto, certa parte da ação simbólica na televisão oferece fatos-ônibus, ou seja, fatos de interesse geral, mas que não formam consenso e não apresentam informações importantes. Embora essas informações apresentem-se como fúteis, elas ocultam preciosidades. E, ao apresentar uma fútil variação de programação, afasta o cidadão de informações pertinentes e dos seus direitos democráticos. A televisão apresenta alguns fatos de forma oculta, ou então distorce a realidade. O jornalista, por exemplo, faz uma busca do que causará drama exagerando nos fatos (BOURDIEU, 1997).

O próprio meio de comunicação, contudo, insere-se no âmbito do esquema abrangente da indústria cultural e, enquanto combinação de filme e rádio, leva adiante a tendência daquela no sentido de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados (ADORNO, 2006, p. 16).

Portanto, analisarmos o que nos é apresentado torna-nos conscientes e amplia nossa visão de mundo. O PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997) mostra-nos o quanto a arte é importante ao ser humano para que ele se torne criativo, reflexivo, perceptivo, sensível, imaginativo e flexível.

Os meios de comunicação exercem grande influência na formação, principalmente nos jovens, ao trazer valores, representações e concepções relacionadas com o cotidiano, ditando regras (FISCHER, 2002). A escola e a família são tidas como lugares tradicionais de educação para os meios de comunicação. Mas a televisão é o meio de comunicação com maior poder de propagação da Indústria Cultural no Brasil.

O programa mexicano televisivo Chaves faz sucesso há mais de vinte anos no Brasil. É um programa simples que satiriza os problemas vividos no cotidiano da sociedade. Alguns temas do programa relacionam-se à fome, à desestrutura familiar, à desigualdade social e à decadência do ensino. Logo, percebemos que o trabalho do educador é essencial no desenvolvimento do pensamento crítico, visto que pode trabalhar com programas que habitualmente passam na televisão, que vista somente como diversão incita o conformismo social.

3 PROGRAMA CHAVES: A REALIDADE SOCIAL POR TRÁS DE PERSONAGENS CÔMICOS

O Programa Chaves surgiu no México, na década de 1970. Seu criador foi Roberto Gómez Bolaños (1929, -). Primeiramente Bolaños criou o programa que levava o mesmo nome de seu apelido: Chespirito. Posteriormente, com o sucesso que alguns personagens fizeram nesse programa, criou programas próprios para esses, como o programa *El Chavo Del Ocho* e *Chapolin Colorado*, que se tornaram respectivamente aqui no Brasil: Chaves e Chapolin Colorado. Em 1973, quase todos os países da América Latina exibiam com sucesso os programas de Bolaños.

O personagem Chapolin Colorado, do programa que leva o mesmo nome, é um herói que apresenta características bem humanas: para combater seus inimigos enfrenta, primeiro, os seus medos, além de ser muito atrapalhado. No programa Chapolin Colorado há o personagem Super Sam, que, de forma bem humorada, critica o capitalismo. O outro programa de Bolaños mostra-nos o personagem Chaves, um garoto órfão, inspirado nas crianças que podemos encontrar em diversos pontos da América Latina.

Os episódios do programa são incansavelmente exibidos pelo SBT (Sistema Brasileira de Televisão) há mais de vinte

anos. O sucesso é tanto que, quando o SBT deixa de exibir o seriado, os fãs protestam para que ele volte (LIMA, 2007). Segundo Chespirito (2007), o Programa Chaves provoca risada reflexiva e espontânea.

A maioria dos episódios do Programa Chaves acontece no cenário de uma pequena vila. No pátio principal há três casas onde moram os principais personagens: Dona Florinda com seu filho Quico; um senhora solteira chamada Dona Clotilde, e Seu Madruga com sua filha Chiquinha. E há também um barril que se torna o esconderijo secreto do garoto Chaves, que de secreto não tem nada, já que todos sabem onde encontrá-lo. Outros cenários também fizeram parte do programa, como: o restaurante da Dona Florinda, que fora criado em 1979 para suprir a falta de dois artistas. Carlos Villagrán, que interpretava o personagem Quico e Ramón Gómez Valdez, que interpretava Seu Madruga e, posteriormente, voltou ao programa. Alguns episódios foram gravados na casa do Seu Barriga, o dono da vila. A escola pública é um cenário comum no Programa Chaves. Em geral a escola apresenta alunos desobedientes e que possuem pouca informação e um professor que recebe um baixo salário.

Segundo Bolaños (2006), um dia Chaves foi abandonado na creche por sua mãe. No orfanato, nunca era o escolhido pelas famílias por ser feio, até que um dia foi embora de lá. Um dia, nas suas andanças chegou à vila, cenário principal do Programa Chaves. No início morou com uma velhinha, mas depois que ela faleceu teve que deixar a casa. E desde então todos ficam curiosos para saber onde ele mora, mas quando perguntam, no momento da resposta chega alguém e corta o assunto, deixando o mistério no ar. E quando lhe perguntam sobre seus pais, ele responde que tem, mas que ainda não lhe foram apresentados. Chaves é um garoto órfão de oito anos, que usa roupas sujas e gastas e faz qualquer coisa para conseguir um sanduíche de presunto, sua comida predileta. Quando está triste ou com vontade de ficar sozinho esconde-se no barril. Seus amigos da vila são a Chiquinha e o Quico, inclusive estudam na mesma escola. Mas, se não estão brincando estão brigando ou aprontando alguma. Quico que tem nove anos, sempre exhibe seus brinquedos novos e algumas guloseimas para fazer inveja aos amiguinhos. Ele usa roupa de marinheiro e é mimado pela mãe. Suas grandes bochechas são motivos de piadas das outras crianças. Chaves desaprova o comportamento de Quico por ter uma mãe só para ele e, no entanto, ser desobediente. A mãe de Quico, Dona Florinda, é viúva de um marinheiro. Ela vive da pensão que recebe pela morte do marido, mas ainda pensa ter uma boa situação financeira achando-se superior aos seus vizinhos, esnobando-os e chamando-os de gentalha.

Dona Florinda está sempre com um avental por cima do vestido e de bofe na cabeça, denunciando ser ela uma dona de casa. Dona Florinda, no episódio A Sociedade, admite estar sem dinheiro, mas que, por ela ser uma mulher da alta, não pode aceitar qualquer emprego. Sua paixão é o professor Girafales, professor das crianças da vila, que acredita que as crianças são o futuro do país; por isso que não desiste de ensiná-los, mesmo eles não aprendendo quase nada e tirando-o do sério ao chamarem de Mestre Linguíça. Chiquinha, aluna do professor Girafales, é a que mais arruma confusão com as outras pessoas. Embora tenha só oito anos, é manipuladora e carinhosa quando convém, tirando proveito das situações. Provavelmente Chiquinha tenha aprendido com o pai a enrolar as pessoas, visto que Seu Madruga deve catorze meses de aluguel para Seu Barriga, dono da vila, que são negociados com algum tipo de trabalho. Como Seu Barriga já sabe como é difícil receber do Seu Madruga, aceita qualquer tipo de serviço para não ficar no prejuízo. Seu Madruga usa roupas velhas e gastas e vive de “bicos”; já foi marceneiro, barbeiro, lutador de boxe, vendedor de artigos usados, pintor, mecânico, fotógrafo, sapateiro, leiteiro, mas, na verdade, não é muito chegado ao trabalho. No episódio Seu Madruga pintor, Seu Madruga promete a Seu Barriga pagar dois meses de aluguel e diz que quer que a mãe do Quico morra se ele não pagar. Ao ouvir a promessa do Seu Madruga, Quico começa a chorar, visto que conhece a fama dele. Neste episódio Seu Barriga propõe que Seu Madruga pinte a vila a fim de ganhar algum dinheiro, o qual Seu Madruga responde que pintura é um *hobby* e que não precisa de dinheiro. Neste momento chega a Chiquinha chorando e pedindo dinheiro, e Seu Barriga acaba dando o dinheiro por não aguentar a menina chorando.

Seu Madruga tem uma vizinha que é apaixonada por ele, a Dona Clotilde, acusada pelas crianças de fazer feitiçaria e apelidada de Bruxa do 71. Ela veste um vestido antiquado e um chapéu. Por ser feia, tenta conquistar seu amado pelo estômago. Sua casa é vista nos episódios segundo a imaginação das crianças, que acreditam ter caldeirões e vassoura voadora. E para aguçar ainda mais a imaginação das crianças, no episódio que Dona Clotilde possui gato ou cachorro, coloca-lhes o nome de Satanás.

Seu Barriga, dono da vila, é um homem gordo, de estatura mediana e de bom coração. Ele mesmo se encarrega de ir cobrar os aluguéis de seus inquilinos para economizar com o pagamento de um salário para um cobrador. Um inquilino que lhe dá trabalho é Seu Madruga, que, por mais que o enrole no pagamento dos catorze meses de aluguel atrasado, não o

despeja. Às vezes até entra em acordo com Seu Madruga para descontar alguns meses de aluguel em troca de algum serviço. Ele tem um filho gordo como ele, chamado Nhonhô que tem oito anos, e apesar de sua boa situação financeira, estuda na mesma escola das crianças da vila. É o único aluno que responde a maioria das questões feitas pelo Professor Girafales, de forma correta. Seu Barriga assemelha-se a João Romão, personagem do livro O Cortiço, de Aluísio Azevedo. João Romão economizava tudo o que podia com o objetivo de enriquecer. E assim que pôde, comprou um terreno para construir umas casinhas e alugar. O material utilizado na construção das casinhas era furtado da pedreira e o trabalho braçal era feito por ele mesmo, a fim de economizar. E foi assim que deu início ao cortiço, levantando casinhas e alugando-as (AZEVEDO, 1890).

4 TEMAS SOCIAIS CONTIDOS NOS EPISÓDIOS DO PROGRAMA CHAVES

No Brasil, na década de 1990, foram criados alguns programas que tinham como cenário a escola. O cenário até era bem próximo do utilizado no programa Chaves, mas o conteúdo desses programas era bem diferente. Embora em ambos os programas houvesse um professor, que, mal remunerado, não conseguia educar seus alunos, o Programa Chaves era constituído de piadas ingênuas, já os outros como: Escola do Professor Raimundo da emissora Rede Globo, A Escolinha do Golias da emissora SBT e Escolinha do Barulho da emissora Record apresentavam piadas de duplo sentido que invariavelmente levavam ao apelo sexual, seja pelas poucas roupas dos personagens femininos, seja com gestos insinuadores. Mas o que podemos observar em comum entre esses programas é a decadência da educação, o desinteresse e a desinformação dos alunos e o baixo salário do educador. Talvez seja esse o motivo de Chaves conquistar tantos fãs e fazer sucesso mesmo depois de mais de 30 anos de início de suas gravações, pois utiliza piadas ingênuas que ultimamente pouco se vê na TV. Podemos perceber que tanto o Programa Chaves, quanto os outros programas, apresentam a escola de forma estereotipada, ao mostrarem o desestímulo do educador com um baixo salário, ensinando alunos que nada aprendem.

No episódio Aula de Aritmética fica claro o estereótipo apresentado em programas que representam a escola. No início do episódio cada aluno que entra na sala de aula entrega ao professor uma fruta, até que uma confusão com os alunos mostra a intenção melhorar a nota com as frutas. Um dos alunos entrega a fruta ao professor e pergunta-lhe se o professor dará uma

boa nota, e com a resposta do professor que diz que isso dependerá dele, o aluno pega a maçã de volta. Depois de muitos aborrecimentos o professor fica muito nervoso e diz que a ele ninguém pode comprar com uma maçã. Então, Nhonhô pergunta se com uma melancia pode, ao que o professor diz para ele sair da sala e voltar somente após ter comido toda a melancia. Chaves pergunta se isso é um castigo, e o professor confirma; ao que Chaves responde “*Então castigue a mim*”. O professor fica sem reação. Nesse primeiro momento do episódio, por trás das piadas engraçadas, é apresentado o suborno – indução mediante a recompensa. As crianças, ao dar uma maçã ao professor, esperam receber em troca uma boa nota, mesmo sem estudar. Nessa parte do episódio é apresentado o aluno que, além de não estudar, despreza a importância do ato de aprender. Nessa parte do episódio também é apresentado a pobreza de Chaves, que pede para ficar de castigo para ter algo para comer. Podemos perceber no Godinez a representação das crianças que habitualmente sentam-se no fundo e tentam esquivar-se das perguntas do professor por serem ignorantes ou mesmo por timidez. Ao observarmos as aulas vemos que o Nhonhô é mostrado como o aluno mais inteligente ao responder corretamente a maioria das questões feitas pelo professor. Nhonhô, por ter uma melhor condição financeira que as outras crianças, apresenta um melhor nível de inteligência, esforço e educação. Essa última questão pode ser vista como um preconceito social, já que desmerece as outras crianças pelo seu nível social, ou pode ser vista como um fato real, já que a maioria das escolas públicas apresentam um ensino muito inferior ao da escola particular – representado pelo personagem Nhonhô. O professor resolve chamar Chiquinha e diz que vai lhe dar um pequeno problema. E ela responde “*Ah não professor Girafales, já não me basta os problemas que eu tenho na vida, chega não!?*”. O professor diz para ela supor que seu pai ganhasse cinquenta mil por dia, perguntou então quanto ele ganharia no mês. Ela chutou entre quatro e cinco milhões. O professor diz que está errado e que ela não entende de multiplicação. E Chiquinha responde “*E o senhor não entende nada de trambiques do meu pai!*”. O professor concorda. Chiquinha sempre convence pela sua espartezza, não é à toa que é filha do Seu Madruga, que sempre dá um “jeitinho brasileiro”. Nesse episódio podemos observar que o conteúdo aprendido pelas crianças é feito pelo método tradicional, que o professor fala ao aluno o que está nos livros, sem ensiná-lo para que isso serve na prática, sendo o conteúdo ensinado facilmente esquecido pelos alunos. O senso comum acaba sendo o utilizado, visto que não há uma meditação crítica

do que é aprendido. O senso crítico é aprendido a partir da revelação da realidade. Por fim, o professor Girafales representa os educadores em geral, visto que as dificuldades encontradas na escola, como o baixo salário e a pequena possibilidade de progressão na carreira, são minimizadas pela valorização do esforço no seu trabalho. O prazer vale mais do que o sofrimento. Mesmo consciente de que o salário é fundamental para a sobrevivência, a relação do educador com seu trabalho é positiva visto deixar ele o salário para segundo plano. As condições desfavoráveis, que por muitas vezes cercam o educador, são amenizadas pela importância do seu trabalho, pela sua importância para o outro. O educador sente prazer pelo fruto do seu trabalho, sente-se realizado com os resultados produzidos por fazer aquilo de que gosta. O trabalho transforma o mundo, assim como transforma o homem enriquecendo-o com experiência e conhecimento (CODO, 2006). Para Paulo Freire (2005), uma forma de intervir no mundo é a partir da educação, visto que o educador deve lutar contra a discriminação, contra o autoritarismo e contra o capitalismo. O educador crítico deve estar ciente de que a transformação do mundo não ocorrerá simplesmente com a sua disciplina, mas, sim, na demonstração aos seus educandos de que a transformação é possível.

No episódio Isso Merece um Prêmio podemos observar o problema da fome. O episódio inicia-se mostrando o desdém que Dona Florinda tem pela vila e pelos seus vizinhos, já que se acha superior a eles. Podemos perceber na personagem da Dona Florinda a representação de pessoas que um dia foram burguesas e que, mesmo ao ficar sem dinheiro, não se deixam envolver com pessoas de menor poder aquisitivo. Ela sempre maltrata seus vizinhos da vila chamando-os de gentalha, em especial Seu Madruga. Este último está sempre otimista, visto que ri até de si mesmo. Ao rir de si mesmo talvez seja uma forma de resistência em aceitar seus problemas, tentando deixá-los de lado. Em outro momento Quico mostra à Dona Florinda a “estrelinha de menino bom” que ganhou na escola por ter se comportado bem. Dona Florinda, toda lisonjeada, diz que vai lhe dar um prêmio, e então lhe dá dinheiro. Chaves então diz a Seu Madruga que também ganhou a estrelinha, mas Seu Madruga percebe que a testa de Chaves está vazia, e ele diz que vendeu a estrelinha para o Quico. Dona Florinda fica triste e decepcionada. Seu Madruga aproveita-se da situação para humilhar Dona Florinda e enche Chaves de perguntas; e acaba por descobrir que Chaves havia comprado a estrelinha da aluna mais aplicada da sala. Quico pede perdão à sua mãe que diz perdoá-lo, mas que não poderá mais sorrir de novo. Nesse momento chega o professor Girafales na vila, transformando

a tristeza de Dona Florinda numa grande felicidade, dissipando totalmente o drama de Dona Florinda que acabara de viver. Quico, ao comprar a estrelinha de Chaves para poder se expor, mostra-nos como é importante a ascensão pessoal. No entanto, ele não busca a ascensão a partir dos estudos e do esforço, mas, sim, a partir da exploração, ao comprar uma estrelinha que qualifica uma pessoa como a melhor.

No mesmo episódio, Quico e Chaves explicam para o professor Girafales alguns desenhos que fizeram, até que surge uma folha em branco, o professor, intrigado, não entende nada. Chaves explica ser o café da manhã dele de todos os dias. Professor Girafales põe-se a pensar na pobreza do menino. Dona Florinda então serve o café acompanhado de bolachas e eles, debatendo o problema do garoto e de muitas crianças que se encontram na mesma situação, iniciam uma discussão sobre a pobreza e a fome e comem sem ao menos notar que Chaves, triste, não está participando do lanche e acaba saindo de fininho. Esse momento do episódio critica a sociedade que, impassível, vê o problema da fome, discute, mas não ajuda no seu combate. Inclusive uma das frases da Dona Florinda no debate é *“Mas o que é que o senhor queria professor, ninguém se importa com o problema dos outros”*. Dona Florinda é a primeira a ser indiferente com seus vizinhos, desfazendo-se deles. A cena é muito engraçada, mas, infelizmente, mostra-nos uma dura realidade.

No fim desse episódio o professor Girafales procura Chaves e Quico para saber qual dos dois fez sua caricatura. Então Quico, com medo da bronca, dá um sanduíche de presunto para Chaves assumir o desenho como dele, que recebe parabéns do professor e ganha uma caixa de biscoitos. O professor elogia o desenho *“é um trabalho onde se nota os dotes de um grande artista!”*. Chaves pula de alegria e Quico vai chorar. Mais uma vez podemos perceber que a mentira não leva a nada. Primeiro, Quico mente com a história da estrelinha e sua mãe acaba descobrindo; depois, mente com a história do desenho e então deixa de receber elogios e um prêmio. Nessa última parte do episódio podemos observar a importância do retrato, que se tornou símbolo de projeção social a partir da ascensão das classes sociais. A burguesia tinha grande expectativa em registrar seu retrato para simbolizar sua ascensão social e projetar-se socialmente. Inicialmente o retrato era pintado por um artista, sendo privilégio de poucos, mas a descoberta da fotografia democratiza o retrato.

5 LEITURA DE IMAGEM

No episódio Isso Merece Um Prêmio do Programa Chaves podemos observar alguns fatos que se assemelham com a realidade em que vivemos, como o problema da fome. No final do episódio Bolaños faz uma discreta crítica à sociedade. Num certo momento, na casa de Dona Florinda, as crianças, Chaves e Quico estão explicando seus desenhos para o professor Girafales, até que aparece uma folha em branco e Chaves todo animado diz ser dele o desenho e explica que é o seu café da manhã de todas as manhãs. O professor, triste, inicia um debate com Dona Florinda sobre as muitas crianças que se encontram na mesma situação do garoto Chaves. Dona Florinda serve café acompanhado de bolachas e eles, debatendo o tema, comem sem ao menos notar que Chaves não está participando do lanche e acaba saindo. Esse momento do episódio critica a sociedade que, impassível, vê o problema da fome, discute, mas não ajuda no seu combate.



Figura 1 Imagem do Episódio Isso Merece Um Prêmio do Programa Chaves

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/?gl=BR&hl=pt>>

Utilizando a Relação Triádica do Signo do filósofo Peirce, podemos fazer a leitura de uma imagem. Primeiro escolhemos uma imagem (Figura 1), depois escolhemos o objeto que é a representação dessa imagem – Chaves. A partir de objeto escolhemos o signo ou *representamen*, que pode ser uma característica – Fome. E a partir disso podemos interpretar como Desigualdade Social. Continuando a Relação Triádica, escolhemos como objeto – Chaves, como signo ou *representamen* – Desigualdade Social, e como interpretante – Debate. Nessa Relação Triádica podemos parar no debate, que é a crítica do autor, referindo-se aos diversos debates que há na sociedade e que não resolvem o problema. Mas, utilizando a Relação Triádica do Signo, podemos fazer inúmeras relações, até estarmos satisfeitos com as descobertas.

6 O EDUCADOR COMO MEDIADOR DA REFLEXÃO CRÍTICA

Segundo Bourdieu (1997), com a televisão é possível atingir todo mundo. Logo, o educador pode utilizar programas de televisão para discutir comportamento, ética e valores, assim como introduzir e/ou aprofundar os conhecimentos adquiridos na escola. Portanto, ao utilizar programas televisivos, educador poderá propiciar a reflexão, o debate e desenvolver o olhar crítico do educando, fazendo-o perceber que o que é apresentado é um recorte da realidade com trilha sonora e cenas das mais diversas. A relação do imaginário e do real na televisão faz com que o educando reconheça ou se identifique com personagens ou situações, tornando o debate mais rico (GENTILE, 2006).

Seriados como o Programa Chaves podem ser trabalhados em sala de aula, visto que nos trazem alguns problemas sociais. É importante que o educador escolha um filme com tema de contribuição para o conhecimento social. E, a partir dos eixos temáticos desenvolvidos no filme, criar discussões sociológicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão é um meio de comunicação que apresenta diversidade a partir da ficção misturada com a realidade. Portanto, é necessário ressaltar a importância de desenvolver o pensamento crítico, a fim de distinguir o que é ficção e o que é realidade. Logo, o presente artigo teve como base o estudo do programa mexicano Chaves, que está há mais de vinte anos no Brasil e é reprisado incansavelmente pela emissora SBT. O programa apresenta temas sociais, como a fome e a educação. No entanto, esses temas são discretamente apresentados em meio a piadas inocentes e personagens cômicos. Nos episódios analisados foram identificados alguns pontos que abordam a realidade, a fim de o educador trabalhar com o educando o pensamento crítico ao observar como programas, aparentemente simples e engraçados, que nada contêm de interessante, escondem uma infinidade de temas a serem discutidos.

Foi percebido que o educador tem que ser um orientador do estudo e transformar a sala de aula em um ambiente de cooperação em que haja troca de experiências, motivação para o educando e conteúdos flexíveis que se adaptam às necessidades encontradas.

Portanto, esta pesquisa deteve-se em estudar o Programa Chaves, que é um sucesso até os dias de hoje, porque ele apresenta um diferencial, que é o humor ingênuo e simples, sem a apelação, ultimamente muito encontrada em programas televisivos. O garoto Chaves é órfão e pobre, mas mantém a alegria

e a esperança. Seu Madruga, desempregado e sempre devendo o aluguel, tem grande estima por Chaves e tenta ajudá-lo como pode. Seu Madruga tem sempre um “jeitinho brasileiro” de resolver as coisas. E Seu Barriga, dono da vila, que incansavelmente tenta receber os aluguéis atrasados do Seu Madruga, mas, por ter um bom coração, não o despeja. A Chiquinha, filha do Seu Madruga, é uma menina esperta, que está sempre tentando tirar proveitos das coisas. Dona Clotilde, solteirona que é apaixonada por Seu Madruga. Dona Florinda, dona de casa, que pensa ser superior aos seus vizinhos porque um dia teve muito dinheiro. Quico, um menino inocente que adora exibir seus novos brinquedos as outras crianças. Personagens cômicos, que carregam traços bastante conhecidos em nossa sociedade, remetem-nos à sociedade em que vivemos. Professor Girafales, professor da vila que acredita na transformação do mundo pela educação. Um ponto essencial observado a partir da análise dos episódios é que na vila do Chaves, apesar das muitas brigas e confusões, todos se amam e ajudam-se mutuamente. É interessante perceber que depois de trinta anos o seriado continua fazendo crianças, jovens e adultos rirem e com um contexto atual.

Em alguns momentos podemos perceber o maniqueísmo, principalmente na figura da Dona Florinda, representando o Mal, visto que está sempre de mau humor, inveja as pessoas e despreza seus vizinhos. E o Bem pode ser observado na figura do Seu Madruga, que sempre tem uma palavra amiga para o pobre Chaves. Diversos episódios apresentam a bondade do Seu Madruga, sua solidariedade para com os necessitados, mesmo ele sendo um necessitado. O bom coração do Seu Madruga conquista as pessoas.

Ao analisar programas televisivos que satirizam a escola, percebemos que há um estereótipo do aluno que é pouco inteligente e que apreende pouco do que é estudado. E o estereótipo de professor que ganha um baixo salário, mas, assim mesmo, segue na sua carreira de docente, por acreditar na transformação a partir da educação.

Por fim, o Programa Chaves apresenta a realidade social a partir de muita piada. Além de mostrar valores, como a ética e a amizade. Dessa forma, é um programa que pode ser trabalhado em sala de aula a fim de estimular os educandos no desenvolvimento do pensamento crítico. Para que assistam TV sem deixar-se manipular e alienar.

REFERÊNCIAS

AULA DE ARITMÉTICA. Chaves. São Paulo, SP: SBT, 16 de

julho de 2008. Programa de TV.

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

_____; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. São Paulo, SP: Jorge Zahar, 1985.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo, SP: Ática, 1890.

BERTONI, Luci Mara. Arte, Indústria Cultural e Educação. **Cadernos Cedex**, v. 21, n. 54, p. 76-81, ago. 2001.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Diário do Chaves**. São Paulo, SP: Suma de Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/educacao/pcns/fundamental/index.html>>. Acesso em: jul. 2007.

CÁCERES, Florival. **História Geral**. São Paulo, SP: Moderna, 1997.

CHESPIRITO. **El Chavo Del Ocho**. Disponível em: <www.chespirito.org>. Acesso em: jul. 2007.

CODO, Wanderley. **Educação: caminho e trabalho**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2006.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1990.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria Cultural**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1988.

COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1971.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2005.

GENTILE, Paola. Liguem a TV: vamos estudar. **Revista Nova Escola**, Editora Abril, ed. 189, jan./fev. 2006. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/liguem-tv-vamos-estudar-431451.shtml>>. Acesso em: nov. 2008.

ISSO MERECE UM PRÊMIO. Chaves. São Paulo, SP: SBT, 20 de março de 2008. Programa de TV.

LIMA, Francisco Welson Ximenes. **Coluna do Chico**. Disponível em: <<http://www.turmadochaves.com/>>. Acesso em: jun. 2007.

SEU MADRUGA PINTOR. Chaves. São Paulo, SP: SBT, 20 de outubro de 2008. Programa de TV.

MATOS, Olgária C. F. **Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo, SP: Moderna, 2001.

A SOCIEDADE. Chaves. São Paulo, SP: SBT, 19 de março de 2008. Programa de TV.

Recebido em: 11 Março 2010

Aceito em: 11 Abril 2011